

# "ISSO ABRIU MEUS OLHOS": MOVIMENTOS SOCIAIS E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA ACELERADA

"OPENED MY EYES": SOCIAL MOVEMENTS AND ACCELERATED POLITICAL SOCIALIZATION

**Karla Henriques**

Psicóloga social e doutorada em Estudos Americanos. Investigadora no Centro de Investigação Interdisciplinar sobre Democracia, Instituições e Subjetividade (CriDIS) da Universidade Católica de Lovaina (Bélgica). Integra a direção do Comitê 42 de Investigação sobre Psicologia Social da Associação Internacional de Sociologia (ISA). Seus projetos mais recentes são: "Base e institucionalismo: oportunidades e desafios na atual tensão democrática para os contextos chileno e equatoriano" (CLACSO) e "Memória e resistência em mulheres atrizes da sociedade: vidas de luto de vítimas de violações dos direitos humanos" (Wallonie-Bruxelles International). Cooordenou os livros *Chile en movimientos* (com Geoffrey Pleyers; CLACSO, 2023), *El despertar chileno: revuelta y subjetividad política* (com Rodrigo Ganter, Raúl Zarzuri e Ximena Goecke; CLACSO 2022) e *Juventud y pandemia. Reflexiones investigaciones y propuestas* (Ariadna, 2023).

## RESUMO

Este artigo mostra como as experiências dentro dos movimentos sociais têm impacto na vida das pessoas que participam deles. Nosso foco é o estudo de experiências egossintônicas, ou seja, experiências em que as pessoas vivem uma coerência entre sua autopercepção, seus desejos e aspectos normativos. Para isso, selecionamos entrevistas e grupos focais realizados entre 2014 e 2022 com ativistas que participaram de movimentos sociais no Chile. Os resultados destacam que os ativistas que tiveram experiências egossintônicas em movimentos sociais aceleraram os processos de socialização política que são descritos como um antes e um depois em suas vidas. Conclui-se que o estudo das experiências egossintônicas nos permite entender como as emoções são vivenciadas no ativismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** subjetividade; ativismo; movimentos sociais; egossintonia; socialização política.

## ABSTRACT

This article shows how experiences within social movements impact the lives of the people who participate in them. We studied egosyntonic experiences, i.e. experiences where people live a coherence between their self-perception, desires, and normative aspects. For this purpose, we selected interviews and focus groups conducted between 2014 and 2022 with activists who participated in social movements in Chile. The results highlight that activists with egosyntonic experiences in social movements have accelerated political socialization processes described as a before and after in their lives. One main conclusion is that studying egosyntonic experiences allows us to understand emotions in activism.

**KEYWORDS:** subjectivity; activism; social movements; egosyntony; political socialization.

## Introdução

As experiências deixadas pelos movimentos sociais geram transformações nas pessoas, nas sociedades e vice-versa (TOURAINÉ, 1994). Atravessam as pessoas que delas participam, deixando rastros em suas subjetividades, na forma como percebem suas vidas, o mundo e a si mesmas (PLEYERS, 2023). Provocam consequências em nível pessoal, impactando as biografias de ativistas (McADAM, 1989), permeando a forma como decidem seus projetos de vida, como escolhem suas carreiras, suas relações com seus parceiros e amizades. Esse contexto nos permite pensar que, além das demandas dos movimentos sociais e da forma como atingem a política institucional, tais experiências afetam a vida das pessoas, provocando um antes e um depois (HENRÍQUEZ; PLEYERS, 2023).

É atraente se deixar levar pelo impacto que os movimentos sociais têm sobre as instituições, mas seguir o rastro dos movimentos à medida que eles impactam a vida nos permite entender como as pessoas se constituem como sujeitos políticos e atores sociais da mudança. O aprofundamento nesses aspectos fornece elementos para nos aventurarmos a pensar nas transformações pelas quais os cidadãos passam e na maneira como tomam decisões sobre as próprias vidas. Nesse sentido, é interessante estudar como os movimentos impactaram os jovens, já que a juventude chilena dos anos 2000 vivenciou os movimentos sociais mais importantes desde o retorno à democracia e neles desempenhou um papel de liderança. O "*Mochilazo*" de 2001, a Revolução dos Pinguins de 2006, o movimento estudantil universitário de 2011 (PAREDES; VALENZUELA FUENTES, 2020), o movimento feminista de 2018 (LARRONDO; PONCE, 2019) e a revolta social de 2019 são alguns exemplos (GANTER *et al.*, 2022). Nesses contextos, não apenas os atores deslocados do poder institucional e os pertencentes ao poder político e econômico se confrontam, mas também uma miríade de experiências que "atravessam os indivíduos" (PLEYERS, 2023, p. 167), deixando traços experienciais que precisam ser abordados em suas diferentes dimensões.

Quando os movimentos entram em uma fase de latência (MELUCCI, 1999), os protestos cessam e a parte mais visível de suas ações desaparece. Os ativistas se ausentam das ruas e entram em uma fase de retirada reflexiva em que processam as experiências que viveram (HENRÍQUEZ, 2022). Nesse período, torna-se relevante um processo interno e especialmente subjetivo, reflexivo e íntimo, no qual eles revivem as experiências que tiveram durante as manifestações, trazem-nas para o presente por meio de narrativas e refletem sobre elas na tentativa de entender o que significavam na época e o que significam no presente. Nesse processo, às vezes eles não encontram as palavras certas para descrever o que lhes aconteceu durante aquela experiência.

De acordo com Rancière (1996), os indivíduos se constituem como tais em relação aos outros por meio de processos de subjetivação, de decisões individuais, escolhas e resistências presentes nos estilos de vida que cada indivíduo promove para confrontar as formas dominantes (BAJOIT, 2019).

Se os movimentos sociais são espaços de encontros com os outros, então as experiências que seus protagonistas vivem adquire um papel importante nos processos de construção do eu, ao transformá-los em atores das próprias vidas e de seu mundo, ao deixar rastros em suas vidas. Para mostrar isso, vamos nos concentrar em dois argumentos. Em primeiro lugar, os indivíduos são confrontados com experiências em que suas crenças são prejudicadas pelo que vivenciam ao participar de movimentos sociais. Isso causa um choque entre socializações, ou seja, um confronto entre a maneira como interpretamos o mundo ao nosso redor e o que o movimento nos mostra, gerando perguntas e reflexões sobre o modo como significamos a realidade. Focaremos na socialização política, que é orientada pela modelagem de familiares, professores e pares (ALVARADO; OSPINA-ALVARADO; GARCÍA, 2012), ocorre ao longo da vida (BENEDICTO, 1995) e promove o engajamento político, o interesse pela esfera pública e a preocupação em compreender a sociedade em suas dimensões social, política e econômica (WARREN; WICKS, 2011).

O segundo argumento sustenta que aqueles que participam de movimentos sociais podem ter experiências egossintônicas. A egossintonia é tanto uma condição quanto um estado. É uma condição porque surge quando três aspectos da personalidade, que estão sempre em tensão, em um momento entram em acordo mútuo (FREUD, 1963), isto é, a) a maneira como o indivíduo se vê a si mesmo (Ego), b) seus desejos (Id), c) e o que ele deveria ser de acordo com o que a sociedade impõe como desejável (Superego). Em um momento, esses três aspectos convergem e são coerentes. É também um estado porque o momento em que Ego, Id e Superego convergem é passageiro (SMOLUCHA; SMOLUCHA, 1989), é vivido de forma profunda, com o máximo de plenitude e emoção, por isso é único e permanece como uma experiência significativa e intensa na vida das pessoas.

Nas seções seguintes, esses argumentos serão desenvolvidos com base em evidências coletadas por meio de entrevistas, conversas e um grupo focal com jovens que participaram de movimentos sociais. Primeiro, é desenvolvida uma seção metodológica; em seguida, são apresentados os resultados sobre o encontro entre socializações que provocam mudanças na forma como os jovens que participaram dos movimentos percebem seu ambiente; em terceiro lugar, são desenvolvidas as experiências egossintônicas. Concluimos com a relação entre as experiências nos movimentos sociais e os processos de socialização política acelerada.

## Metodologia

Os resultados foram construídos com base em 12 entrevistas e um grupo focal, realizados entre 2014 e 2020. As entrevistas e o grupo focal obedeceram aos seguintes critérios: a) os participantes compartilharam experiências que mostram um antes e um depois em suas vidas ao se envolverem em movimentos sociais; b) os participantes não pertenciam a organizações políticas nem eram membros ativos de uma organização; c) os participantes descreveram as

experiências com forte conteúdo emocional e projetaram uma atitude emocional – por exemplo, quando a voz vacilou, permaneceram em silêncio, demonstraram nervosismo, ansiedade ou pareceram surpresos consigo mesmos ao relatar as experiências em que viveram; eles perceberam que tinham uma versão dos acontecimentos sociais que para eles não era mais verdadeira. Os áudios foram transcritos literalmente, ou seja, apontando silêncios, risos, interrupções etc. Foi realizada uma análise de conteúdo para determinar os conteúdos que demonstravam o aparecimento de experiências egossintônicas e uma análise discursiva que permitiu identificar as narrativas segundo componentes emocionais e comportamentais.

As narrativas permitem aproximar-nos dos fatos mesmos, é uma história (por exemplo, o que aconteceu em experiências egossintônicas) no quadro de uma narrativa mais ampla (por exemplo, a experiência dentro dos movimentos sociais), contêm uma maior quantidade de detalhes e estão intimamente ligadas a situações específicas em um tempo e espaço específicos, e vinculadas a determinadas pessoas (ROSENTHAL, 2011). Elas permitem ao entrevistado aproximar-se das próprias emoções em relação à história que conta e facilitam o início de um processo de autorreflexão que parte do próprio entrevistado. Assim, existem muitos espaços de silêncio que os entrevistadores devem ter cuidado para não interromper ou aprofundar estímulos, como “conte-me um pouco mais sobre isso”, que possibilitam a continuidade de uma história aberta (ROSENTHAL *et al.*, 2006).

### Uma socialização política institucional interrompida

Após 17 anos de ditadura, o retorno à democracia gerou diferentes expectativas entre os chilenos. Entretanto, a partir da década de 1990, uma parte importante da imagem coletiva foi construída com base em um sentimento de orfandade e decepção. Alguns cidadãos não viram o Chile que lhes havia sido prometido, e isso permeou a maneira como eles começaram a se relacionar com a política. Norbert Lechner (2002), em seus estudos sobre subjetividade e política na população chilena, destacou que parte da socialização familiar que os jovens recebiam naquela época transmitia uma mensagem de dualismo, opondo o “nós” (família e amigos) aos “outros” (políticos) que introduziram ilusão e divisão. “Filho, não se envolva em política” (LECHNER, 2002, p. 81) era a mensagem tácita que permeava o imaginário da relação com a política e que era transmitida de geração em geração. Entretanto, há alguns sinais de que os movimentos sociais romperam com essa tradição.

O movimento estudantil de 2011 não apenas ocupou o centro do palco nas ruas por meio de protestos, mas também gerou conversas nas casas onde seus participantes moravam. Eles reavivaram histórias não contadas pelos mais velhos que, sem participar do movimento social, o vivenciaram por meio de seus filhos e netos. Em uma entrevista, um jovem me disse que vinha de uma família de esquerda despolitizada, mas que participar do movimento o fez perceber que sua família imediata não era tão despolitizada quanto ele pensava. Ele me disse:



Em 2011, comecei a descobrir a história da minha família e percebi que ela realmente vem de uma tradição de esquerda desde 1910. Eu não tinha ideia de que meu tataravô havia sido um membro militante do partido socialista. Então foi aí que surgiu a consciência pessoal, mas também a consciência familiar. Foi como uma construção da consciência de classe. Isso me fez sentir um milhão de coisas, me fez sentir muito, então comecei a pesquisar a história da minha família, descobri que tinha tios que haviam sido presos [...] o problema é que depois do golpe e durante os anos 90 isso foi suspenso e esterilizado. (OJEDA, 2018).

Junto com a perda de espaços familiares para falar sobre política, os espaços também foram perdidos na escola. Em 1997, a disciplina de educação cívica desapareceu do currículo escolar e foi substituída pela educação para a cidadania, que deixou a critério de cada instituição introduzir ou não as questões da cidadania chilena. Décadas depois, em 2014, um relatório sobre a realidade da educação cívica no Chile, publicado pelo Instituto de Ciências Políticas da Universidade Católica (*apud* MARDONES, 2015), apontou que havia escolas que não tinham o menor interesse em incorporar atividades ou conteúdos que garantissem a formação em educação cidadã. Também mostrou que havia escolas com práticas antidemocráticas, como o impedimento da organização estudantil (MARDONES, 2015). Os estudos internacionais sobre educação para a cidadania apresentaram um quadro preocupante nessas questões. Os resultados do International Civic and Citizenship Study 2016 (AGENCIA DE CALIDAD DE LA EDUCACIÓN, 2017) colocaram os alunos do Chile abaixo da média de conhecimento cívico dos países participantes. Uma análise de regressão do mesmo estudo (DISI PAVLIC; MARDONES, 2021), com variáveis em nível escolar e individual, conseguiu mostrar que a integração da educação para a cidadania de forma transversal ou por meio de atividades extracurriculares tem um efeito positivo apenas em algumas disposições ligadas à participação eleitoral. Mas o que é mais preocupante é que as diferentes maneiras de integrar a educação para a cidadania no currículo escolar, ou seja, em todo o currículo, em atividades extracurriculares ou em disciplinas separadas, diminuem a disposição dos alunos do Ensino Médio de participar da política de maneiras não convencionais, especialmente em protestos. De acordo com o mesmo estudo, os fatores que teriam influenciado as atitudes em relação à participação política dos jovens chilenos – por exemplo, durante o movimento feminista de 2018 – são encontrados principalmente fora das escolas e do currículo de educação para a cidadania.

Do ponto de vista dos alunos, também há críticas. Uma investigação com entrevistas em profundidade com estudantes do Ensino Médio que participaram da explosão social de 2019 concluiu que eles percebem que a educação cívica é deficiente e que não foi capaz de responder a aspectos ou elementos constitucionais que fazem parte de um modelo de sociedade que limita as possibilidades de participação política em um contexto de transformação democrática (GUZMÁN UTRERAS *et al.*, 2023). Entretanto, apesar desses resultados, os movimentos sociais têm tido um forte protagonismo juvenil. A Pesquisa Nacional da Juventude (CHILE, 2022) indica que a



porcentagem de jovens com interesse em política (28,9%) aumentou em dez pontos nos últimos dez anos, e mais da metade participou de pelo menos uma organização social no último ano.

### O choque entre as socializações

Desde meados da década de 2000, houve um aumento nos protestos coletivos e no número de participantes (SOMMA, 2017), e as mobilizações estudantis de 2011 registraram o maior número de participantes até 2019.

Os movimentos sociais da década de 2000 deixaram sua marca na cidadania chilena e a explosão social de outubro de 2019 mostrou que diferentes demandas sociais ainda eram urgentes. O movimento estudantil, o movimento "Chega de AFP<sup>1</sup>" (*No Más AFP*), o movimento feminista e o movimento ambientalista, para mencionar alguns, permaneceram na consciência dos cidadãos, e as injustiças do sistema em que a maioria dos chilenos vive os fizeram sair às ruas para exigir mudanças.

Por exemplo, no movimento estudantil de 2011, estudantes de universidades públicas e privadas saíram às ruas com um objetivo comum: exigir o fim do lucro, o fim da negociação do direito à educação e o conluio entre política e negócios (FIGUEROA, 2012). O reconhecimento de que compartilhavam as mesmas demandas possibilitou a criação de espaços para a troca de experiências de organização estudantil e aumentou a conscientização sobre outras realidades. Embora alguns estudantes de universidades tradicionais tenham se oposto à adesão ao movimento de estudantes de organizações universitárias privadas (JACKSON, 2013), além das tensões que sua participação causou no início, não há dúvida de que a transferência de conhecimento sobre organização estudantil permitiu a perpetuação das demandas. Eles também conscientizaram muitos jovens sobre a diferença entre entender a educação como um direito e entendê-la como um bem de consumo.

Os movimentos sociais são uma fonte de socialização acelerada ao propagar demandas de diferentes formas, muitas vezes tornando-se fontes de educação popular nas ruas. Um entrevistado me disse: "O ponto de virada para mim foi 2011; não só porque aprendi coisas, me tornei político, mas também porque, por meio dessa experiência, comecei a reconstruir minha história, a história da minha família e meus projetos, minhas aspirações e tudo o mais" (OJEDA, 2018).

Nos movimentos, as formas de transmissão das demandas são diversas. O movimento feminista durante a explosão esteve presente de diferentes maneiras. As mulheres denunciaram como a cultura heteropatriarcal lhes negou a soberania sobre seus corpos e como eles foram disponibilizados para o desfrute dos homens. Muitas das *performances* que ocorreram durante a

<sup>1</sup> Trata-se de um movimento social que busca acabar com a privatização dos fundos de pensão (AFP) dos chilenos. Para mais informações, ver: MIRANDA, N. ¿Cómo ha cambiado el activismo en el Chile contemporáneo? Discutiendo hallazgos a partir del movimiento No más AFP. *Desigualdade & Diversidade*, n. 23, p. 323-346, 2023.



explosão consistiam em mulheres andando ou dançando de peito nu, com seus corpos pintados ou com *slogans* escritos em sua pele nua (URZÚA, 2019). A *performance* “o estuprador é você” (*el violador eres tú*) do coletivo LasTesis, que foi replicada em diferentes culturas e em diferentes idiomas, também demonstrou que as demandas do movimento feminista eram as mesmas em diferentes continentes e sensibilizou centenas de pessoas para a violência estrutural e simbólica da cultura patriarcal. Murais, bordados, histórias em quadrinhos, máscaras, pinturas nos escudos que protegiam a linha de frente e muitas outras expressões espalharam centenas de mensagens e tornaram visível uma cultura popular oculta para muitos chilenos (GANTER *et al.*, 2022). O espaço público foi transformado em um local de encontro com o outro. Um jovem, ao nos contar sobre sua experiência na rua, diz: “esse espaço público [a rua] é fundamental para conhecer todas as preocupações e necessidades das pessoas [...] pude perceber isso interagindo com as pessoas nesse espaço público” (SUJETOS, 2020). As experiências que os movimentos provocam nos participantes os levam a questionar a maneira como interpretam o mundo em que vivem. As conversas, as práticas de microfone aberto que foram organizadas nas praças públicas, foram encontros que lhes permitiram conhecer outras realidades.

Um estudante que entrevistamos em 2015 nos disse:

Acho que o movimento de 2011 abriu muito os meus olhos, porque eu estava em uma escola pública e não via nenhuma das atrocidades gigantescas do sistema educacional imerso no sistema socioeconômico que existe. Minha escola funcionava bem e, por exemplo, se havia um problema era porque um colega fazia alguma coisa ou porque um professor era ruim, mas falta de eletricidade, água, serviços básicos, além de problemas, eu nunca vi isso, e 2011 me permitiu ver todas as contradições. (OJEDA, 2018).

Foi a primeira vez que ele participou de um movimento durante as marchas, e essa experiência permitiu que ele visse uma realidade que nunca havia conhecido antes. Mais tarde, essa experiência o motivou a se especializar em psicologia educacional e a trabalhar em programas sociais para reduzir a vulnerabilidade social.

Os diferentes jovens entrevistados durante as conversas tentam nomear o que acontece dentro de si quando relatam o momento em que conhecem outras realidades. Eles destacam as experiências que lhes permitem viver os movimentos e que questionam as crenças anteriores com as quais vieram a participar, as crenças que orientaram a maneira como interpretaram suas vidas e a realidade ao seu redor. Isso é o que chamamos de choque entre socializações; é o confronto entre as novas experiências proporcionadas pelo movimento e as crenças com as quais eles vieram a participar de um movimento social. O choque entre socializações provoca questionamentos sobre as formas de ver ou interpretar o Chile que eles achavam que conheciam, a maneira como construíram a realidade em que vivem e a maneira como constroem a si mesmos.



## Experiências egossintônicas

No estudo da subjetividade dos movimentos sociais, geralmente são destacados os aspectos biográficos ou a investigação das trajetórias de seus participantes. O estudo das experiências egossintônicas nos permite aprofundar a relevância das emoções na experiência dos movimentos sociais. E também o apresentamos como uma proposta para compreendê-las sem cair em análises que buscam separar, categorizar ou identificar diferentes emoções como se fossem vivenciadas isoladamente na subjetividade dos ativistas.

Quando os ativistas vivem experiências egossintônicas, os movimentos deixam marcas em suas biografias porque mudam a maneira como eles se percebem, pois o que antes não podiam fazer ou ser, devido a imposições externas, agora podem fazer. Essa mudança produz uma alteração na percepção dos limites da normalidade e nas práticas impostas pela ordem social, pelo menos por um momento. Um dos entrevistados relata uma de suas experiências egossintônicas durante a explosão social. Sem pensar, ele quebrou o silêncio dos passageiros de um ônibus urbano para incentivá-los a tomar consciência das injustiças que ocorriam no Chile. Para ele, esse momento marcou um antes e um depois em sua vida, pois ele se via como vítima de injustiça (Ego) e seu desejo de conscientizar outras vítimas das injustiças na sociedade chilena o fez gritar as exigências que outros ativistas estavam divulgando nas redes sociais e na televisão (Id). Naquele momento, sua ação quebrou a norma social que mantinha a ordem dentro do ônibus e ele teve permissão para fazer isso (Superego). Essa experiência gerou um antes e um depois em sua vida. Ele nos conta:

[...] nós pegamos um ônibus e o cobrador queria nos cobrar a tarifa cheia, mesmo que estivéssemos com um passe escolar [...]. Acho que é daí que vem a anedota, nossa primeira resistência naquele dia, que resistimos ao motorista do ônibus, que queria cobrar a tarifa cheia. Naquele momento, eu e outro amigo começamos a dizer às pessoas que elas teriam problemas no ônibus por causa do que estava acontecendo [manifestações e bloqueios nas ruas]. Porque muitas vezes as pessoas viam isso na televisão e foi justamente naquele momento que começamos a contar o que estava acontecendo, todo o descontentamento social, tudo o que estava acontecendo com os políticos, foi justamente naquele momento que aconteceu. Aquele momento difícil se apresentou para nós e pudemos aproveitá-lo! Inclusive dando uma palestra no ônibus! Mas foi muito divertido. E quando fomos para Concepción, uau! Já havia uma grande multidão lá, havia muitas pessoas reunidas. (SUJETOS, 2020).

As egosintonias são vivenciadas como situações especiais, raras e acompanhadas de sensações nunca ou raramente sentidas e difíceis de traduzir em palavras. É por isso que eles geralmente as descrevem como novas experiências. Os ativistas sentem emoções contraditórias e às vezes são confrontados com situações de violência que temem, mas que naquele momento

fazem sentido para eles e, portanto, estão dispostos a colocar suas vidas em risco; porque percebem que estão fazendo as coisas certas. Outro entrevistado nos conta:

Quatro dias depois eu voltei a marchar sem violência e lá sofri uma agressão muito grave [...] eu olho para a esquerda e vejo as pessoas correndo, os meninos virando para a esquerda e outros para a direita e os carabineiros estavam no meio, e o carabineiro deu um tiro na nossa cara, então eu tenho um dano aqui [vértice do olho, no lado oposto ao canal lacrimal] e por pouco eu não perdi o olho. E isso me mudou, foi quando eu percebi que nessa revolução a violência era necessária [...] mais uma vez isso mostrou que nada poderia ser alcançado pacificamente, eu tentei ser pacífico e fui atacado novamente e a coisa passou a ser defender os outros, que era eu antes. Como eu era um manifestante pacífico, decidi passar a ser um protetor de manifestantes pacíficos [...] foi então que decidi protegê-los para que a mesma coisa que aconteceu comigo não acontecesse com eles. (ZARZURI; HENRÍQUEZ, 2022).

Nesse tipo de experiência, três aspectos da personalidade, que estão sempre em tensão, são concordantes (FREUD, 1963). Os desejos se transformam em realidade e são coerentes com a forma como os ativistas se percebem e, com isso, as sanções sociais inerentes à ordem social perdem sua força, permitindo fazer o que não era permitido e provocando uma sensação de plenitude e excitação. Essas experiências são significativas na vida dos ativistas porque, além de contá-las como um antes e um depois, a percepção que eles têm de si mesmos muda, eles se sentem renovados.

## Conclusões

Este artigo buscou contribuir para o estudo dos movimentos sociais ao destacar a subjetividade dos ativistas com base em uma perspectiva que articula as contribuições da psicologia social, da psicanálise e da sociologia. Uma segunda leitura dos resultados apresentados nos permite pensar que o estudo das egossintonias permite identificar embates entre socializações e socializações aceleradas, que atuam como sensibilizadores dos problemas comuns que afetam os cidadãos.

O pressuposto inicial que sustenta este trabalho, ou seja, que as experiências que os ativistas têm dentro dos movimentos sociais impactam na forma como eles se constroem, ganha força com o estudo das experiências mais íntimas dos ativistas, permitindo-nos entender como eles vivem as sensações e emoções geradas por essas experiências egossintônicas, que são descritas como um antes e um depois por seus protagonistas.

Tomando diferentes definições do que é a egossintonia, um dos aspectos comuns é que as emoções estão em seu cerne e se apresentam de forma complexa, razão pela qual não podem ser estudadas ou explicadas com base em uma visão causal dos fenômenos. Nesse sentido, este

artigo quis inovar na forma de trabalhar com as emoções no ativismo, razão pela qual selecionamos entrevistas nas quais os ativistas abordaram experiências que geram desconforto ou espanto, que provocam emoções contraditórias e difíceis de expressar em palavras. Considero essas experiências particularmente relevantes porque demonstraram como a vivência pública dos movimentos sociais impacta em suas vidas privadas, provocando um antes e um depois.

Às vezes pode haver um equívoco de que, quando o movimento não está mais nas ruas, ele desaparece junto com seus membros, mas quando o movimento social vai para as ruas, ele mostra sua face comportamental e pública. Quando essa parte perde sua proeminência, os ativistas e aqueles que eram seus espectadores vivem as consequências dessas experiências em um nível pessoal.

## Referências

- AGENCIA DE CALIDAD DE LA EDUCACIÓN. ICCS 2016. Estudio Internacional de Educación Cívica y Formación Ciudadana. Santiago: Agencia de Calidad de la Educación, 2017. Disponível em: [https://www.iea.nl/sites/default/files/2019-07/ICCS\\_2016\\_PRESENTACION\\_CHL.pdf](https://www.iea.nl/sites/default/files/2019-07/ICCS_2016_PRESENTACION_CHL.pdf). Acesso em: 6 jan. 2024.
- ALVARADO, S. V.; OSPINA-ALVARADO, M. C.; GARCÍA, C. M. La subjetividad política y la socialización política, desde las márgenes de la psicología política. *Revista Latinoamericana en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 235-256, 2012.
- BAJOIT, G. *L'individu, sujet de lui-même*. Louvain-la-Neuve: Eme Editions, 2019.
- BENEDICTO, J. La construcción de los universos políticos de los ciudadanos. [S. l.]: España Alianza, 1995.
- CHILE. Ministerio de Desarrollo Social y Familia. Instituto Nacional de la Juventud. *10<sup>ma</sup> Encuesta Nacional de Juventudes 2022*. Santiago: INJUV, 2022. Disponível em: [https://www.injuv.gob.cl/sites/default/files/10ma\\_encuesta\\_nacional\\_de\\_juventudes\\_2022.pdf](https://www.injuv.gob.cl/sites/default/files/10ma_encuesta_nacional_de_juventudes_2022.pdf). Acesso em: 6 jan. 2024.
- DISI PAVLIC, R.; MARDONES, R. Enseñando con actitud: ¿Cuán efectiva ha sido la formación ciudadana en Chile?. *Archivos Analíticos de Políticas Educativas*, [s. l.], v. 29, n. 15, p. 1-29, 8 fev. 2021.
- FIGUEROA, F. *Llegamos para quedarnos*: crónicas de la revuelta estudiantil. Santiago: LOM, 2012.
- FREUD, S. The unconscious (1915). In: FREUD, S. *General Psychological Theory*. New York: Collier Books, 1963. p. 116-150.
- GANTER, R. et al. (eds.). *El despertar chileno*: revuelta y subjetividad política. Buenos Aires: CLACSO, 2022.

- GUZMÁN UTRERAS, E. *et al.* Ciudadanía, educación cívica y participación ciudadana como significados emergentes en estudiantes secundarios participantes de movimientos estudiantiles. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, v. 36, n. 1, p. 1-22, 2023.
- HENRÍQUEZ, K. Adhocracias y repliegues reflexivos. La calle y las introspecciones personales en las actorías sociales del 18-O. In: GANTER, R. *et al.* (eds.). *El despertar chileno: revuelta y subjetividad política*. Buenos Aires: CLACSO, 2022. p. 163-180.
- HENRÍQUEZ, K.; PLEYERS, G. (coord.). *Chile en movimientos*. Buenos Aires: CLACSO, 2023.
- JACKSON, G. *El país que soñamos*. Barcelona: DEBATE, 2013.
- LARRONDO, M.; PONCE, C. (eds.). *Activismos feministas jóvenes: emergencias, actrices y luchas en américa latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2019.
- LECHNER, N. *Las sombras del mañana*. La dimensión subjetiva de la política. Santiago: LOM, 2002.
- MARDONES, R. El paradigma de a educación ciudadana en Chile: una política pública inconclusa. In: COX, C.; CASTILLO, J. C. (eds.). *Aprendizaje de la ciudadanía*. Contextos, experiencias y resultados. Santiago: Ediciones UC, 2015. p. 145-174.
- McADAM, D. The biographical consequences of activism. *American Sociological Review*, [s. l.], v. 54, n. 5, p. 744-760, out. 1989.
- MELUCCI, A. *Acción colectiva, vida cotidiana y democracia*. Cidade do México: El Colegio de México, 1999.
- OJEDA, K. H. Atribuciones de significado en sujetos políticos juveniles chilenos y argentinos de participación activa y adhocrática. Tese (Doutorado) - Facultad de Humanidades, Universidad de Santiago de Chile, Santiago, 2018.
- PARADES, J. P.; VALENZUELA FUENTES, K. ¿No es la forma? La contribución político-cultural de las luchas estudiantiles a la emergencia del largo octubre chileno. *Ultima década*, [s. l.], v. 28, n. 54, p. 69-94, dez. 2020.
- PLEYERS G. Vivir las injusticias globales como personales. Los jóvenes alter-activistas. *Revista de Estudios Sociales*, [s. l.], n. 85, p. 157-173, 2023.
- RANCIÈRE, J. *El desacuerdo*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1996.
- ROSENTHAL, G. *et al.* *Biographisch-narrative Gespräche mit Jugendlichen: Chancen für das Selbst- und Fremdverstehen*. Opladen: Barbara Budrich, 2006.
- ROSENTHAL, G. *Interpretative Sozialforschung: eine Einführung*. 3., aktualisierte und erg. Aufl ed. Weinheim München: Juventa-Verl, 2011.
- SMOLUCHA, L.; SMOLUCHA, F. Ego-Syntonic Aspects of Adult Play and Creativity. In: ANNUAL MEETING OF THE SOCIETY FOR RESEARCH IN CHILD DEVELOPMENT, 1989, Kansas City. *Anais [...]*. Kansas City: [s. n.], 1989.



- SOMMA, N. Protestas y conflictos en el Chile contemporáneo: quince tesis para la discusión. In: ARAYA, R.; CEBALLOS, F. (eds.). Conflictos, controversias y disyuntivas. Santiago: Ediciones Abiertas, 2017. p. 37-86. (Série IDRC, v. 1).
- SUJETOS del levantamiento en Chile. Fundación Rosa Luxemburgo: [S.l.], 2020.
- TOURAINÉ, A. *Crítica de la modernidad*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1994.
- URZÚA, S. Aportes a una etnografía de los movimientos feministas: recursos expresivos en las marchas #Ni una menos y #8M en Santiago de Chile. *Antípoda, Revista de Antropología y Arqueología*, Bogotá, n. 35, p. 115-124, 2019.
- WARREN, R.; WICKS, R. Political socialization: Modeling teen political and civic engagement. *Journalism and Mass Communication Quarterly*, [s.l.], v. 88, n. 1, p. 156-175, 2011.
- ZARZURI, R.; HENRÍQUEZ, K. Primera línea: accionar desde el cuerpo, encuentros, persistencias y contraviolencias en el espacio público. In: ZARZURI, R. (coord.) *Violencias y contraviolencias: vivencias y reflexiones sobre la revuelta de octubre en Chile*. Santiago: LOM, 2022. p. 59-80